

CONTRIBUIÇÕES DOS *CULTURAL STUDIES* PARA O ESTUDO DA MÍDIA E DA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NAS PESQUISAS EM RECEPÇÃO

CONTRIBUTIONS OF CULTURAL STUDIES TO STUDY OF MEDIA AND PRODUCTION OF SUBJECTIVITIES IN RESEARCH ON RECEIVING

Fábio Soares da Costa

Mestrando em Comunicação/Universidade Federal do Piauí

E-mail: fabiosoares.com@hotmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

Janete de Páscoa Rodrigues*

Doutora em Ciências da Comunicação/Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Professora da Universidade Federal do Piauí

E-mail: janetepascoa@yahoo.com.br

Teresina, Piauí, Brasil

*Endereço: Janete de Páscoa Rodrigues

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Avenida Nossa Senhora de Fátima - Planalto Ininga, Teresina, Piauí, Brasil, CEP: 64042-450.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 17/02/2014. Última versão recebida em 06/03/2014. Aprovado em 07/03/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Esse artigo procura apresentar algumas contribuições teórico-metodológicas da tradição dos *Cultural Studies* para a nova visada epistemológica dos estudos comunicacionais ocorrida nas décadas de 1980 e 1990, na América Latina e no Brasil, respectivamente. O resgate dos postulados de Hoggart a Hall, passando por Williams e Thompson e a relação conceitual destes aos de Martín-Barbero, Canclini e Orozco Gomes a partir de um olhar proposto por Jacks e Escosteguy como contribuição latino-americana nesta temática. Este exercício teórico reflexivo é uma tentativa de perceber quais aspectos dos estudos de recepção contribuem para entender o processo comunicacional presentes no consumo midiático contemporâneo.

Palavras-chave: Comunicação. *Cultural studies*. Recepção. Consumo.

ABSTRACT

This article presents some theoretical and methodological contributions of the tradition of Cultural Studies for new epistemological studies targeted communication occurred in the 1980s and 1990s in Latin America and Brazil, respectively. The rescue of the postulates of the Hall Hoggart, Williams and Thompson through and conceptual relationship of these to Martín-Barbero, Canclini and Orozco Gomes from one look proposed by Jacks Escosteguy and Latin American contribution to this subject. This reflective theoretical exercise is an attempt to understand which aspects of reception studies contribute to understanding the communication process present in media consumption contemporary.

Keywords: Communication. Cultural studies. Reception. Consumption.

1 IMPRESSÕES INTRODUTÓRIAS

Ao extrairmos do pensamento nossas inquietações sobre o questionamento: o que é comunicação? passamos a refletir sobre abordagens comunicacionais que nos incumbem a necessidade de percorrer um caminho histórico-conceitual, mesmo que superficial, sobre os entendimentos a respeito do processo comunicacional, com defesa a partir dos estudos culturais e desemboco nos estudos de recepção.

O presente estudo objetiva apresentar algumas contribuições teórico-metodológicas da tradição dos *Cultural Studies* aos estudos comunicacionais ocorrida nas décadas de 1980 e 1990, na América Latina e no Brasil, respectivamente. A pesquisa justifica-se pela importância fundante que os postulados culturalistas têm enquanto desencadeadores de uma lógica que insere o pensamento cultural dentro do processo comunicacional sem confundir-los, ao contrário, reforçando o entendimento de ambos.

O itinerário dessa produção é composto por considerações iniciais que apresentam como o campo da comunicação representa o ponto de partida para pensar as pesquisas em recepção. Os postulados britânicos a partir das principais obras de Hoggart (1973), Williams (1969) e Thompson (1987) compõem a segunda parte desta discussão, que será sucedida pelas contribuições latino-americanas sobre mediações e recepção.

Os pressupostos dessa pesquisa são os de que as contradições, incompletudes e incompreensões também fazem parte do percurso histórico dos estudos culturais, da abordagem das mediações e dos estudos de recepção; contudo, crê-se que o progresso alcançado com estes enlaces não deva se perder por modismos, pois tem que ser considerado como modo, um modo de se pensar o processo comunicacional que traz importantes contribuições para o seu entendimento e para a construção de um campo que ainda parece surfar em ondas quase sempre incertas e dependentes das marés de construção epistemológica que sobem e descem de acordo com a ação do espaço e do tempo, sempre ressignificadas pelo homem.

A marca dos estudos culturais é sobremaneira importante porque traz consigo o que nos parece ter de melhor no estruturalismo, quando da defesa de que a cultura não deve ser absorvida pelo fator econômico, e no culturalismo, identificando seus pareceres nos binômios cultura-ideologia, infraestrutura-superestrutura e idealismo-reducionismo, sem sofrer o demérito de querer explicar o processo comunicacional inteiro, inclusive, pensa-se que esta marca é o que há de mais significativa para entender a lógica do pensar a cultura (mesmo com

sua complexidade e infinidade de conceitos) dentro da comunicação, sem confundi-la minimalistamente.

Assim, entende-se que a cultura está fora, mas também dentro dos meios de comunicação, que, dentre outras coisas, veiculam culturas tanto hegemônicas quanto subalternas (alternativas), participando das intensas trocas de sentidos entre os meios e a audiência, que, antes pensada vir somente de um dos polos (meios), entende-se hoje que é negociada, pois provém, também, das mediações utilizadas na recepção. E esse entendimento é que norteará nossa defesa a partir de agora (JACKS, 1994; SOUSA, 1995; OROZCO GOMES, 2000; MARTÍN-BARBERO, 2001; DALMONTE, 2002; HALL, 2009; ESCOSTEGUY, 2010; MARTINO, 2012).

2 IMPRESSÕES COMUNICACIONAIS

Estudar perspectivas de defesa de um campo da comunicação nos motivou a extrair destas nossas crenças sobre a importância dos estudos culturais para as pesquisas de recepção desenvolvidas por nós hoje. França (2001) esclarece que impreterivelmente os estudos sobre teorias da comunicação iniciam-se com a Escola Americana, na década de 1930, atenta para as análises das funções e dos efeitos dos meios de comunicação de massa. A Escola de Frankfurt também tem destaque a partir de sua Teoria Crítica pujante entre as décadas de 30 e 60, enfatizando suas contribuições comunicacionais a partir de reflexões sobre a Indústria Cultural. A Escola de Chicago, o Interacionismo Simbólico e a Escola Francesa (Roland Barthes e Edgar Morin), bem como a Semiologia e Cultura de Umberto Eco também são citados diacronicamente pela autora como o fio condutor central das Teorias de Comunicação. Destarte, ao chegar à década de 1970, em que discorre sobre os estudos culturais britânicos e latino-americanos, encontramos o foco de nossas considerações.

Todavia, nos chama atenção sua revisão a partir da insuficiência do modelo clássico (emissor – receptor) e sua orientação para o entendimento de comunicação como um processo de troca, partilha e interação.

Em suma, a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos (FRANÇA, 2001, p. 15).

Nesse contexto, comunicação deve privilegiar os interlocutores, atribuindo-lhes papéis, inserindo-os em um processo de produção e interpretação de sentidos, identificação

dos discursos e apreensão das práticas discursivas dentro de um processo dinâmico, vivo e interativo em que seus partícipes constroem-se socialmente.

Nesse momento, é necessária a realização de um recorte para privilegiar nosso lugar de defesa contributiva, por isso, esclarecemos que as abordagens comunicacionais que privilegiam os estudos culturais tiveram sua inauguração seminal no desejo de se ter um olhar diverso para a cultura popular, questionando os postulados de submissão e inércia do receptor quanto à audiência dos meios massivos. Designaram um lugar político à cultura, que passou a ser dotada de uma força comunicacional capaz de instaurar novos lugares para compreender a significação simbólica.

Os *Cultural Studies* são originariamente britânicos, mas devido a fortes características interdisciplinares e sua aplicação em diferentes contextos mundiais também assumem características específicas distintas, como é o caso da América Latina e do Brasil. Todavia, este fator territorializante parece secundário do ponto de vista da diversidade, pois ao perceber contribuições de aportes teóricos marxistas, neomarxistas, estruturalistas, pós-estruturalistas, da psicanálise e do pós-modernismo, termina-se por vislumbrar uma produção de conhecimento a partir de diferentes matizes que numa espécie de simbiose mutualística, contribuem para o desenvolvimento de um pensamento onde a cultura assume papel destacado.

O embrião dessas discussões e construções teóricas deu-se a partir do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, fundado em Birmingham, em 1964, com as contribuições de Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward Palmer Thompson, que problematizaram atitudes de contestação, subversão e transformação das classes trabalhadoras frente às leituras dominantes e codificadas da mídia. Todavia, foi Stuart Hall quem enfrentou mais diretamente a necessidade de se instaurar uma explicação intelectual aceitável para a assertiva de que, apesar da produção de uma cultura antagônica, esta ainda permanece impotente na conformação de uma cultura dominante. Ainda, protagonizou discussões importantíssimas sobre interpretação de audiências ativas, em que acreditava que as mensagens recebidas são muito mais polissêmicas e abertas a várias interpretações do que se tinha suposto até então, isso fazendo com que diferentes grupos culturais desenvolvam diferentes conjuntos de códigos e discursos de interpretação da cultura de massa (WHITE, 1998).

3 IMPRESSÕES BRITÂNICAS

As produções britânicas foram alicerçantes para significativa parte dos constructos latino-americanos no campo comunicacional, pois protagonizaram a virada de interesse dos meios para as mediações. Thompson (1987) e Williams (1969) influenciaram sobremaneira Martín-Barbero (2009), Orozco Gomes (2000) e Canclini (2001). No Brasil, percebe-se que Ana Carolina Escosteguy (2010), Nilda Jacks (1994) e Antonio Fausto Neto (2010) alicerçam estas obras em fundamentos culturalistas que trazem nos estudos culturais sua base teórico-metodológica.

Citar a produção *The uses of literacy: aspects of working-class life*, de Richard Hoggart (1957), é quase como uma prece para ilustrar embrionariamente os *Cultural Studies*, pois nela busca-se analisar a influência da mídia nos processos educacionais formais e não formais, e sua relação com uma percepção pública de cultura que acontecia em todo o Reino Unido. Observar um percurso que levaria a uma cultura de massa, imposta verticalmente, criticá-la, e ainda defender uma cultura popular e sua autoavaliação foram suas principais contribuições para uma nova teoria cultural. A obra de Hoggart ascende a partir do lançamento de desafios compridos como o de estudar a cultura popular, principalmente a partir de pressupostos de contribuição para a aprendizagem e formação de criticidade, contrariando a unicidade cultural definida elitistamente (DALMONTE, 2002; ESCOSTEGUY, 2010; MARTINO, 2012).

Martino (2012) remete ao que os estudos de recepção de hoje tem na sua dianteira:

Aos olhos de Hoggart, o espectador é também um trabalhador, tem amigos, conversa com outras pessoas, tem uma família, e esse contexto interfere no uso que ele faz da mensagem da mídia. A mídia era discutida, pensada e mesmo negada pelo leitor: seu poder se diluía na articulação com a vida cotidiana do receptor, era *parte* desse cotidiano, mas não o dominava (MARTINO, 2012, p. 242, grifo do autor).

Marcar no tempo a inauguração de qualquer corrente de pensamento é algo pedagogicamente difícil, principalmente quando se trata de contextos econômicos, sociais e políticos em mudança paradigmática como foi o pós-guerra na Europa. Todavia, deve-se optar por um dos tantos recortes existentes na bibliografia de referência, e assim, privilegiar-se-á o desencadeamento histórico apresentado por Martín-Barbero (2001), que desenvolve um amparo temporal iniciado no século XVI.

Para o filósofo colombiano é destacável, e historicamente significativa para entender os estudos culturais, as duas etapas do processo de enculturação do mundo, demarcadas de 1.500 a 1.650 a primeira e de 1.650 a 1.800 a segunda. O surgimento da Reforma Protestante e o da

Contrarreforma católica, uma objetivando purificar os costumes dos pagãos restantes e a outra ansiosa por abolir as tradições e a moral popular, foram responsáveis por dualizar festa popular e celebração religiosa. Já a segunda etapa foi representada pelo processo de laicização e pelos novos modelos de conhecer e trabalhar, surgindo o radicalismo entre cultura da minoria e cultura da maioria.

Após esta segunda etapa, recorremos, de acordo com Martin-Barbero (2001), às contribuições de Edward Palmer Thompson aos estudos culturais quando este:

[...] restabelece as relações povo/classe ao descobrir na multidão dos motins pré-industriais um sentido político até então desprezado ou negado explicitamente. [...] Para Thompson, não é possível uma história de classe operária sem que ela assuma a memória e a experiências populares, e não só como antecedente no tempo, mas também como constituinte do movimento operário em si mesmo. Proposta que implica repensar os três conceitos básicos: classe, povo e cultura (p. 113).

Dessa forma, mesmo influenciado pelos estudos históricos, o britânico foi um dos principais questionadores do estruturalismo, principalmente a Lévi-Strauss e Louis Althusser, e configurou um marxismo culturalista que privilegiou os discursos dos trabalhadores e apresentou que estes constroem um histórico de experiência importante nos processos de transformação política e cultural do seu tempo. Thompson, a partir de uma ironia singular, no capítulo *As Fortalezas de Satanás*, de sua mais importante produção para os estudos culturais, *A formação da classe operária inglesa* apresenta uma defesa incontestada de sua luta literata em prol da alteridade político-cultural, historicamente necessária:

As maiorias sem linguagem articulada, por definição, deixam pouco registro de seus pensamentos. Apreendemos relances em momentos de crise, como nos Motins de Gordon, e ainda sim a crise não é uma condição típica. É tentador procurá-los nos arquivos criminais. Mas, antes disso, precisamos nos prevenir contra o pressuposto de que, no final do século 18, os 'pobres de Cristo' podem se dividir entre, de um lado, pecadores penitentes e, de outro, assassinos, bêbados e ladrões (THOMPSON (1987, p. 57, grifos nossos).

De única e exclusiva necessidade demarcatória de um período cronologicamente anterior, mas também coincidente, na década de 1930, a Escola de Frankfurt marca uma oposição conceitual importante para entender a que os estudos culturais britânicos não se filiam. Assim, observa-se teoricamente a negação da transformação da cultura como mercadoria e da difusão da ideologia pelos meios de reprodução técnica, ou seja, os estudos culturais não corroboram com uma concepção de cultura como mera estratégia de dominação. Daí, podemos reforçar esta dualidade no que diz Maigret (2010), e em tempo, indicar a

configuração acadêmica mais aceita para o momento mais importante da constituição desta corrente de pensamento.

As análises de Hoggart se combinam com as de Edward P. Thompson, historiador britânico que se opõe à visão sinistra do proletariado veiculada pelo marxismo de seu tempo, sobretudo com as de Raymond Williams, saído como ele do mundo operário e fino crítico da teoria marxista da cultura. Surgem então uma constelação que torna possível uma reflexão distanciada da teoria da Escola de Frankfurt, mas reivindicando o pertencimento a uma nova esquerda. Hoggart funda em 1964 o Centre for Contemporary Cultural Studies, epônimo da corrente de pesquisa que se desenvolve em Birmingham em torno desta ambição (p. 225).

Mesmo num momento de percepções iniciantes, já se percebe que os *Cultural Studies* a partir da sua capacidade de enaltecer o popular por suas múltiplas leituras, por uma transgressão disciplinar que inaugura novas visadas metodológicas e por estudos de mídia com singularidades notáveis. Essa conformação pode ser notada nas ideias de Richard Hoggart (1957), também inglês, Professor de Stuart Hall (2009), que defende a cultura como lugar de produção de sentidos.

Destarte, completando a tríade seminal dos *Cultural Studies*, pode-se observar que no título *Culture and Society: 1780-1950*, de Raymond Williams (1958), há a apresentação de uma evolução genealógica do conceito de cultura na sociedade industrial. Ele indica como as normas e práticas culturais cristalizam as visões que exprimem ideias, formas de percepção e sensibilidade no inconsciente cultural. O galês foi um dos principais nomes contributivos da teoria cultural¹, sendo que suas defesas emolduram um campo de pensamento cultural, mas, sobretudo com contribuições no campo da comunicação, questionando a vigência teórica da época e ofertando, desde já, o que Hall e Martin-Barbero viriam a solidificar.

[...] naturalmente que o povo não crê em tudo o que lhe dizem os jornais. A não ser a pequena camada de leitores críticos, quase sempre possuidores de preparo especial, o resto dos leitores alimenta uma atitude de suspeitosa descrença no que leem, ouvem, escutam etc. (WILLIAMS, 1969, p. 325).

É mister o apoio ao que Costa (2012) traz na análise da tríade seminal dos estudos culturais. Para ele, com Raymond Williams é possível absorver o que realmente constituem os estudos culturais ingleses, e para nossa reflexão, mais importante ainda, a necessidade de observar o processo comunicacional em sua totalidade; negar veementemente a codificação

¹A teoria cultural é de caráter muito mais diversificado. Em alguns aspectos, é avaliativa, procurando diferenciar artefatos culturais de acordo com alguns critérios de qualidade. Algumas vezes, porém, seu objetivo é quase o oposto, buscando questionar a classificação hierárquica como sendo irrelevante para o verdadeiro significado da cultura. (McQUAIL, 2013, p.23)

das mensagens e a passividade do público; e questionar a ideia hegemônica presente na recepção, pois a significação simbólica está definitivamente dentro de uma arena de lutas.

Considera-se nesse contexto historicizado a importância da desconstrução da dualidade em que cultura e civilização se prostraram. Alta e baixa cultura, erudito e popular agora passaram a ceder espaços para diferentes identidade culturais, de maneira ampliada, sendo uma designação geral para a extensão das práticas humanas.

Antonio Gramsci, por meio de sua produção literária de 2.848 páginas de manuscritos, ocorrida em grande parte quando encarcerado, intitulada *Quaderni Del Carcere*, segundo Martín-Barbero (2001, p. 116), foi “O caminho que levou as ciências sociais críticas a interessarem-se pela cultura, e particularmente pela cultura popular, passa em boa parte por Gramsci.” Ainda, segundo o colombiano, as influências que Gramsci provocou em Hoggart e Williams são demasiado importantes e inegáveis.

Monasta (2010), ao apresentar as ideias de Gramsci nos campos da educação e cultura afirma:

A mensagem central de Gramsci é que a organização da cultura é ‘organicamente’ ligada ao poder dominante. Os intelectuais não podem ser definidos pelo trabalho que fazem, mas pelo papel que desempenham na sociedade; essa função, de forma mais ou menos consciente, é sempre a função de ‘liderar’ técnica e politicamente um grupo dominante, quer outro grupo que aspire uma posição de dominação (p. 20, grifos do autor).

Ainda, reforça-se o entendimento pelo que Gramsci aponta em *Escritos Políticos*² (1916-1926), quando trata de socialismo e cultura, citado por Monasta (2010):

É preciso perder o hábito de deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto na forma de recipiente para encher e amontoar com dados empíricos, com fatos ao acaso e desconexos, que ele depois deverá arrumar no cérebro como nas colunas de um dicionário para poder então, em qualquer altura, responder aos vários estímulos do mundo externo. Esta forma de cultura é deveras prejudicial, especialmente para o proletariado. Serve apenas para criar desajustados, ente que crê ser superior ao resto da humanidade porque armazenou na memória certa quantidade de dados e de datas, que aproveita todas as ocasiões para estabelecer quase uma barreira entre si e os outros. Serve para criar um certo intelectualismo flácido e incolor, tão criticado por Romain Rolland, que pariu uma caterva de presunçosos e desatinados, mais deletérios para a vida social do que os micróbios da tuberculose ou da sífilis para a beleza e sanidade física dos corpos. A estudantada que sabe um pouco de latim e de história, o advogado que conseguiu arrancar um canudo à indolência e ao deixar-correr dos professores, acreditarão ser diferentes e superiores mesmo em relação ao melhor operário especializado que preenche na vida um papel bem preciso e indispensável e que, na sua atividade, vale mil vezes mais do que valem ou outros na sua. Mas isso não é cultura, é pedanteria, não é inteligência, mas bagagem intelectual, e contra ela se reage com razão (p. 52).

²*Escritos políticos*. Vo. 1, p. 81-85, Editora Seara Nova, Lisboa, 1976. Assinado Alga Gama, II GridodelPropolo, 20 de janeiro de 1916.

Aqui se deve realçar que as relações competentes de ligação entre os estudos culturais britânicos e os estudos de culturais e de recepção latino-americanos deram-se em função do ideário gramsciano, numa abordagem sobre hegemonia, que privilegiou os imbricamentos entre cultura e relações de poder (ESCOSTEGUY, 2010).

Neste arrolamento de contribuições teóricas, afirma-se que os estudos culturais britânicos tiveram inúmeras outras contribuições para os estudos comunicacionais latino-americanos e brasileiros, e aqui é mister elencar três pontos que devem compor este percurso, sem no entanto, carecer de maior profundidade, pois o privilégio contributivo realizado pelos pesquisadores brasileiros em voga para o desenrolar dessa reflexão não os aborda de tal e qual forma. Quanto ao primeiro, refere-se ao panorama francês, às abordagens sobre o *habitus*³ por Pierre Bourdieu, e o pensamento sobre a *cotidianeidade*⁴ de Michel de Certeau. O segundo trata-se do tratamento dado pela Escola de Constança (Alemanha) por intermédio de Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser sobre a estética da recepção⁵ e o papel da interatividade neste processo, que possui um preciosismo iminente para nossa discussão, contudo, não pertence à nossa linha de contribuições teóricas. O terceiro é a perspectiva anglo-saxã apresentada por Proulx (2003) que divide os estudos de recepção em quatro gerações: a dos estudos de decodificação, a dos trabalhos etnográficos, a das orientações construtivistas e a última recentemente pensada que é a relacionada com os meios de comunicação social e a internet.

Quanto às contribuições do *Centre for Contemporary Cultural Studies - CCCS*, fundado em Birmingham, em 1964, principalmente no percurso realizado por Stuart Hall, observa-se que o legado dos trabalhos do CCCS relaciona-se com a assertiva de que os estudos culturais permitem a combinação da pesquisa textual com a social na medida em que recuperam a aceção estruturalista sobre a relativa autonomia das formas culturais, situando-as num contexto de forças diversas, bem como do culturalismo, o valor da experiência dos sujeitos para a mudança social. Assim, a pesquisa de comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito composto pela produção – circulação – consumo da cultura midiática. Inicialmente, os estudos culturais contemplavam apenas a mensagem ou os discursos (os meios), e somente após a década de 1980 é que os leitores/receptores passaram a ser estudados empiricamente.

³SETTON, Maria da Graça Jacintho A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. n. 20. Maio/Jun/Jul/Ago 2002.

⁴DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez, 2007. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?>> Acesso em 30 jul 2013.

⁵JAUSS, Hans-Robert. **A literatura e o leitor: a estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Stuart Hall inaugurou em 1973 o *Encoding/Decoding Model* como ponto de partida para a mudança do foco do texto para o leitor. Neste modelo, a codificação dava-se no processo de produção e na decodificação no consumo/recepção, quando se percebia o uso de estratégias de leitura/recepção por parte dos leitores, que poderiam ser: a) dominante: o sentido da mensagem é decodificado segundo os objetivos da produção; b) oposicional: o receptor entende a proposta dominante, mas interpreta de maneira alternativa, com uma outra visão de mundo; e c) negociada: o sentido da mensagem entra em negociação, sendo um misto de lógicas contraditórias, com valores dominantes e de refutação (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005; MAIGRET, 2010).

Hall (1997) trata a cultura de maneira centralizada, um componente de todos os aspectos das vida social contemporânea. Seu fundamento está nas práticas de significação que passam por uma perspectiva interpretativa, organizacional e reguladora da conduta humana, tendo alcances interdisciplinares na organização social. A centralidade da cultura desencadeada por Hall está na sua relação com as tendências globalizantes e a vida doméstica, local, devendo ser esta tratada de forma protagonizada.

Apesar de todas as mudanças ocorridas na Europa em relação ao contexto econômico e político durante os anos 1980 e 1990, que terminaram por possibilitar emergência das subculturas e culturas populares, as considerações sobre identidade descentrada pela globalização, a descentralização dos estudos culturais do Reino Unido para outros centros, o deslocamento da análise dos meios para as audiências, os primeiros estudos etnográficos e o contexto feminista que apontou paralelamente junto a essas discussões, optamos por discorrer tão logo sobre este contexto já na América Latina, objetivando, também realçar suas contribuições.

4 IMPRESSÕES LATINO-AMERICANAS SOBRE A RECEPÇÃO

Escostesguy e Jacks (2005) realizam em sua obra *Comunicação e Recepção* um passeio pelas mais importantes correntes de pesquisa e estudos culturais desenvolvidos na América Latina com fortes influências nos estudos culturais britânicos, dentre as quais podemos destacar as anotações de Néstor García Canclini ao tratar do *consumo cultural* (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 57), trazendo o conjunto de processos socioculturais nos quais se realiza a apropriação e os usos dos produtos; de Jorge González ao tratar das *frentes culturais* (Ibid., p. 61), evidenciando a relação da cultura de massa e popular com seus públicos; do CENECA (*Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística*), tratando da

recepção ativa (Ibid., p. 63), ou seja, da crescente influência de interesses comerciais na televisão chilena e da educação para a recepção; de Jesús Martín-Barbero, tratando o *uso social dos meios* (Ibid., p. 65); e de Guillermo Orozco Gomes, tratando o *modelo das mediações* (Ibid., p. 69), da teoria da estruturação de Antony Giddens⁶, cuja audiência é composta por sujeitos condicionados individual e coletivamente, formam o mapa de principais e significativas intervenções acadêmicas do estudo da recepção na América Latina. (Grifos nossos)

A análise das formas culturais contemporâneas, os movimentos sociais, a problematização da dominação, a mudança de um paradigma centrado na ideologia, para um questionador da hegemonia e a discussão da identidade configuraram-se como o ponto de partida para a formulação de um pensamento latino-americano sobre cultura e comunicação (JACKS, 1996).

A passagem do marxismo determinista para a defesa do marxismo gramsciano (hegemonia negociada) marcou sobremaneira o percurso dos estudos de recepção na América Latina, e, ainda nos anos 1980 já nota-se algumas mudanças renovadoras nas teorias e metodologias do campo da comunicação, com fortes críticas e restrições às matizes até então em vigor. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005). Assim, o privilégio agora passou a ser das relações de ancoragem entre comunicação e cultura, com enfoque nas experiências do homem. Neste contexto, as contribuições de Jesús Martín-Barbero (2009), Néstor García Canclini (2001), e Guillermo Orozco Gómez (2000) nortearão essa escalada de agora em diante.

Os estudos culturais latino-americanos e os estudos de recepção imbricam-se numa espécie de reciprocidade conceitual característica. Para tanto, os últimos surgiram numa perspectiva de superação epistemológica das crenças da época emolduradas pela pesquisa dos efeitos, de usos e gratificações, estudos de crítica literária e estudos culturais, a partir de uma nova proposta metodológica de pesquisas interdisciplinares e de multi-métodos, procurando dar conta das crescentes e complexas demandas, bem como da crítica internacional nessa área. É nesse contexto que os estudos latino-americanos ganham corpo e consideração científicos, a partir da consolidação das teorias das mediações e das hibridizações, privilegiando o contraditório, o multidimensional, em que as pessoas vivem sua cotidianidade e exploram suas experiências de vida. Nessa atmosfera, a Teoria das Mediações (Martín-Barbero), a

⁶ Conceito inicialmente usado pelo norte-americano James Lull que utiliza esta teoria como instrumento analítico para explorar as interações entre os contextos macro e micro nos processos de recepção. Posteriormente, Orozco Gomes passou a considerar estes níveis como fontes de mediação. (OROZCO, 1994, p. 71)

Teoria das Multimediações (Orozco Gomes) e a Teoria do Consumo Cultural (Garcia Canclini) parecem ser as mais contributivas para o desenvolvimento empírico das pesquisas em recepção na América Latina e no Brasil (MARTÍN-BARBERO, 2001; OROZCO GOMES, 2000; CANCLINI, 2001).

Escosteguy; Jacks (2005) defendem que os estudos de recepção representam, nas últimas duas décadas o principal ponto de desenvolvimento dos estudos culturais latino-americanos, que empiricamente vem contribuindo para a estruturação do campo da comunicação e tornando-se um eixo teórico de significativa importância na academia, sob a ótica dos estudos de comunicação e cultura.

Na América Latina, os estudos de recepção majoritariamente são de pesquisa empírica da audiência e, em especial, da televisão, que inicialmente difundia uma concepção reprodutivista de cultura, todavia Jesús Martín-Barbero iniciou a perspectiva de uma análise baseada no texto e no receptor, que alicerçada pela obra *De los medios a las mediaciones*, de 1987, fincou a base contextualista dos estudos de recepção na América Latina. Neste panorama, Guillermo Orozco Gomes ilustra bem estas novas concepções:

La mediación, según Jesús Martín Barbero, es el lugar desde donde se otorga El sentido al proceso de la comunicación. sin embargo, Barbero privilegia la cultura como la gran mediadora de todo proceso de producción comunicativa. Uno de los grandes méritos de este autor es haber desencasillado la comunicación de los medios para recrearla, explorarla y profundizarla no solo a través de los medios, sino de la cultura (OROZCO GOMES, 2000, p. 114).

Este momento apresenta a descoberta de um ser humano receptor que tem a capacidade de negociar, ressignificar, reinterpretar as mensagens recebidas, negando e já resistindo a ideia da lógica focal dos meios. Um marco neste processo é a formatação do mapa das mediações que traz modos de produção do público que agenciam formas hegemônicas de comunicação coletiva.

Nesse momento, torna-se esclarecedor o que Martín-Barbero (2001, p. 289-290) diz:

Por muito tempo a verdade cultural dos países latino-americanos importou menos do que as seguranças teóricas. E assim estivemos convencidos de que a comunicação nos deveria apresentar uma teoria – sociológica, semiótica ou informacional – porque só a partir dela seria possível demarcar o campo de interesses e precisar a especificidade de seus objetos. Entretanto, alguma coisa na realidade se mexeu com tanta força que provocou certa confusão, com a derrubada das fronteiras que delimitavam geograficamente o terreno e nos asseguravam psicologicamente. Apagado o desenho do “objeto próprio” ficamos à mercê das intempéries do momento. Mas agora não estamos mais sozinhos: pelo caminho já encontramos pessoas que, sem falar de “comunicação”, não deixam de questioná-la, trabalha-la, produzi-la: gente das artes e da política, da arquitetura e da antropologia. Foi

necessário perder o “objeto” para que encontrássemos o caminho do movimento social na comunicação, a comunicação em processo. (Grifos do autor).

Ainda, Martín-Barbero citado por Sousa (1995) afirma serem os países latino-americanos pioneiros nos estudos de recepção em comunicação, bem como que a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação, trata-se de uma nova perspectiva que abarca possibilidades de repensar, rever e reinventar os estudos e as pesquisas em comunicação. Sendo um ponto de chegada daquilo que já foi concluído, estes estudos contrapõem totalmente condutistas e iluministas de privilégio dos meios.

Nesse ponto, julga-se conveniente reforçar o objetivo dessa produção, que é o de apresentar as contribuições dos estudos culturais britânicos para pesquisas em recepção. E assim espera-se atingi-lo, inicialmente, a partir de três interseções teóricas. A primeira interseção, histórica, e de esclarecimento útil, são as palavras de Raymond Williams em sua produção *Culture and Society*:

As mentes dos homens são formadas pela sua inteira experiência e não é possível ‘comunicar’ qualquer coisa, ainda quando as técnicas mais avançadas sejam utilizadas, se o que se quer comunicar não tiver a confirmação daquela experiência. A comunicação não é somente transmissão, é, também, recepção e resposta. Numa cultura em transição, é possível que a transmissão desempenhe um papel decisivo, podendo, se convenientemente orientada, afetar aspectos da conduta e mesmo as crenças vigentes. Não obstante, ainda que de modo um tanto confuso, a soma inteira de experiência se reafirmará a si mesma e voltará a habilitar o seu próprio mundo. A comunicação de massa teve, evidentemente, seus êxitos, especialmente nos sistemas socioeconômicos que lhe dão guarida. Falhou, porém, e continuará a falhar sempre que se defrontar não com uma confusa incerteza, mas com uma experiência bem formulada e assentada (WILLIAMS, 1969, p. 322, grifo do autor).

A segunda, de contribuição conveniente aos estudos de Teoria da Comunicação, é a que apresenta uma distinção premente, pois se refere ao pensamento behaviorista, que trazia no trajeto estímulo-resposta, conforme as intenções da mídia, sua principal defesa. Segundo Martín-Barbero (2009), esta proposta não representa tudo no processo comunicacional e, por mais persuasiva que seja, terá intervenientes mediadores. O receptor não é apenas um receptáculo de mensagens, mesmo porque pode aceitar ou negar uma propositura midiática. Todavia, o mais importante nessa terceira interseção é a captura periférica realizada da escola francesa, o que propôs Pierre Bourdieu ao transitar seu pensamento entre cultura, educação e comunicação, negando a existência do *duo* emissores-dominantes x receptores-dominados e alertando para a incompletude do funcionalismo e da semiótica-estruturalista, que nem sempre abarcam todos os conflitos e contradições contemporâneas:

Como toda mensagem é objeto de uma recepção diferencial, segundo as características sociais e culturais do receptor, não se pode afirmar que a homogeneização das mensagens emitidas leve a uma homogeneização das mensagens recebidas, e, menos ainda, a uma homogeneização dos receptores (BOURDIEU, 2007, p. 61).

A terceira e última interseção é o que diz Néstor García Canclini (1984), que apesar de usar outra ordem argumentativa, apoia a mesma direção, defende o estudo social dos sujeitos com enlaces étnicos, sexuais e de consumo, suas negociações com o poder e as instituições, seus deslocamentos e recomposições identitárias. Também, evidencia-se, nas considerações de Canclini (2001, p. 27-29) o papel dos estudos culturais no campo da comunicação, quando o autor diz que é preciso:

Deixar de conceber os estudos culturais apenas como uma análise hermenêutica e passar a concebê-los como um trabalho científico que combina a significação e os fatos, os discursos e suas raízes empíricas. [...] construir uma racionalidade que possa entender as razões de cada um e a estrutura dos conflitos e das negociações. [...] Os estudos culturais, entendidos como estudos científicos, podem ser essa forma de renunciar à parcialidade do próprio ponto de vista para reivindicá-lo como sujeito não delirante da ação política.

Corroborando com tudo dito acima e reforçando com Ronsini (2010, p. 11):

A ênfase da recepção reside na análise da constituição do cultural pelas mediações comunicativas. As mediações que atravessam a relação dos receptores com os meios não existem fora da relação com os meios: classes sociais, gênero, etnia, família, escola, grupos de amigos, indivíduos estão sendo modelados pela cultura da mídia. As mediações comunicativas na recepção são apreendidas através da análise dos textos midiáticos relevantes no cotidiano do receptor, abrangendo o exame do texto e dos usos, da sua circulação no espaço/tempo do receptor e da conformação deste espaço/tempo.

5 IMPRESSÕES QUE PRESSIONAM

Os estudos culturais notabilizaram-se nas produções de Hoggart, Thompson e Willimas nas décadas de 60 e 70, e a partir de 1980 as produções de Hall, Morley, Fiske e as pesquisas em recepção na América Latina permearam de forma extasiante as duas últimas décadas do século XX e a primeira década do século XXI (ESCOSTEGUY, 2010). Todavia, ainda em tempo, essas correntes de pensamento foram questionadas quanto às suas incompletudes e paradoxos referentes ao processo comunicacional. Destarte, relaciona-se os principais questionamento aos *Cultural Studies* e às pesquisas em recepção, encontradas nessa pesquisa bibliográfica e revisão de literatura relacionada.

Pode-se introduzir com as observações de M. Ferguson e P. Golding⁷ sintetizadas por Polistchuk; Trinta (2003) que revelam uma desconfiança na reificação das categorias sociais tanto impregnadas na tríade literária anteriormente citada, caracteriza-a como uma antipolítica de cunho populista, intransigente na defesa das práticas culturais ditas marginais e subalternas, isso para eles soa como uma forma de exercício político radical, de teoria ortodoxa e ingenuamente simples, pois baseia-se apenas nas resistências populares e na autonomia do consumidor. Polistchuk; Trinta (2003, p. 155) também apresenta críticas ao modelo teórico-recepcional quando chama atenção para a “arbitrariedade inerente ao julgamento que, por razões doutrinárias, atribui aos receptores”. Suas dúvidas são carregadas pela indagação: O poder da tecnologia e a mercantilização da cultura estarão ou não em medida de cercear a liberdade receptiva do destinatário? Inclusive orientando suas escolhas!

Um apontamento chamou particular atenção. Foi o de José Luiz Braga quando adota como perspectiva para delimitar o objeto do campo comunicação atentar para uma ordem de reflexão relacionada à possíveis confusões entre comunicação e cultura. Para Braga (2011, p. 67):

Um exemplo dessa imersão do comunicacional no cultural são alguns trabalhos em torno das mediações, a partir de J.-M. Barbero. Ao passar dos meios às mediações, às vezes o que parece haver de propriamente comunicacional nas relações dos usuários parece de diluir no ‘cultural’.

Ainda, numa autocitação reforça seu posicionamento:

A percepção sobre mediações culturais nas quais está permeado e impregnado o receptor é uma contribuição preciosa para os estudos da área. Basta observar a alta frequência de referências a Barbero nos mais diversos estudos de recepção. Mas um risco eventual incorrido por alguns estudiosos da questão é o de dar exclusiva ênfase aos demais determinantes culturais (extra-mediáticos), quando o receptor é afirmado como fortemente amparado por estas inserções outras para simplesmente ‘resistir’ aos produtos de massa. Pode ocorrer então um esquecimento de que, entre o receptor e o produto mediático ocorrem efetivamente interações. Deixar de lado o produto mediático e os ambientes mediatizados de comunicação, observando-se apenas ‘o lado receptor’ com suas defesas e permeações culturais outras, pode levar a perder de vista a importância de apreender e ampliar conhecimentos sobre o que ocorre de específico nas interações mediáticas (Braga, 2000, p. 5, grifos do autor).

Esse posicionamento de Braga (2012a) desemboca na sua defesa sobre Dispositivos Interacionais, realizada desde o ano de 2011 em que julga ser estes um lugar possível para se estudar os fenômenos comunicacionais, tornando possível um diálogo produtivo com a diversidade de enfoques e abordagens observáveis no campo comunicacional, ou seja, é

⁷ FERGUSON, M; GODIN, P. **Cultural Studies in question**. Londres: Sage, 1997.

lançado mão de um conceito novo que traz estes dispositivos como uma rede simbólica com manifestações de sentido na tentativa de comunicar-se. E para isto, na busca de um pensamento da comunicação como objeto, ele faz sua crítica aos *Cultural Studies* e à Teoria das Mediações e da Recepção. Signates (2012, p. 9) esclarece esta oposição exemplificando um problema insuperável, já elencado por Raymond Williams que é a “pressuposição da dicotomia dos processos sem os quais ocorreriam os fenômenos da mediação.” No entanto, o que mais nos importa como crítica a refletir é o seu posicionamento sobre a Teoria das Mediações:

Tal formulação ambígua, isto é, a intenção é de que mediação fosse ambos, conceito e categoria, ao mesmo tempo, acabou por conduzir a teorização a uma aparência de que tudo poderia ser considerado mediação. Em qualquer território onde houvesse uma movimentação simbólica seria viável surpreender mediações em funcionamento e, mais do que isso, seria, tal processualidade, ela própria, uma mediação. No excesso de aplicações, o conceito (ou a categoria) perdeu consistência descritiva, pois deixou de ser possível, a partir dos estudos feitos, descobrir o que é e o que não é mediação, nos processos comunicativos ou culturais em geral.[...] Além disso, e talvez por isso mesmo, os trabalhos feitos a partir da noção de mediação não lograram constituir uma nova teoria da comunicação, que viesse a substituir ou mesmo complementar as formulações ou correntes teóricas existentes, permanecendo como uma contribuição nos estudos de recepção. Representou, contudo, a nosso ver, uma importante aproximação da busca por conferir centralidade da comunicação aos estudos da área, na medida em que os processos comunicacionais – que, teoricamente, operam obrigatoriamente colocando mediações em funcionamento – ganharam centralidade como processos simbólicos em si. Nem sempre, contudo, é de comunicação que se trata, quando se fala de mediação (SIGNATES, 2012, p. 12).

Todavia, a mais fervorosa crítica encontrada nesse estudo foi a realizada por Martino; Boaventura (2009, p. 12), que, fundamentados sobremaneira nas produções de Reynoso⁸ e Follari⁹, questionam contradições e uma frágil base metodológica dos Estudos Culturais e de Recepção. Vejamos:

A falta de rigor metodológico e o uso de técnicas de pesquisa insuficientes para abarcar a recepção constituem uma crítica recorrente mesmo entre os autores citados, como foi abordado anteriormente, e entre os que trabalham sob a ótica dos Estudos Culturais Latino-Americanos. Sendo essa fraqueza teórico-metodológica, inclusive, uma característica da pesquisa em recepção que aparenta ter sido herdada dos Estudos Culturais.

Por último, trazemos aqui não mais um questionamento, mas um novo desafio dentro do campo comunicacional que envolve discussões dentro da teoria das mediações e dos

⁸REYNOSO, C. *Apogeo y decadencia de los Estudios Culturales*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2000.

⁹FOLLARI, R. *Teorías débiles (Para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales)*. Rosario, Santa Fe, Argentina: Homo Sapiens Ediciones, 2002.

estudos de recepção. É a noção de *circulação*, desenvolvida por Fausto Neto (2010) e reforçada por Braga (2012b).

O que se põe aqui como contribuição reflexiva é a noção de um novo contexto em que a midiatização vem ganhando *status* de referência no processo comunicacional, principalmente por operar através de diversos mecanismos e atingindo diversas práticas sociais. Ao lado, tem-se um sistema de circulação interacional que ocorre após a recepção, na qual vem ganhando destaque nas análises epistemológicas, atualmente. Esse fluxo adiante é abastecido pela construção de novos produtos, comentários informais ou formais e até pela estimulação a debates polêmicos e análises polissêmicas. A exemplo, é o que pode-se perceber na circulação que se manifesta nas redes sociais (BRAGA, 2012a).

E neste momento de discussões não se encontra algo mais reflexivo para o momento que dois posicionamentos díspares, de homônimos pesquisadores da comunicação que alimentam o pensamento crítico a partir de suas discursividades. Assim vejamos o que Martino (2009, p. 13-14) e Martino (2012, p. 246) defendem. Luiz Cláudio Martino, no texto *Estudos Culturais Latino-Americanos: convergências, divergências e críticas*, criticamente diz:

Se entre os pesquisadores da recepção brasileiros a proposta dos Estudos Culturais Latino-Americanos conquistou larga repercussão, o mesmo não pode ser dito sobre as críticas a essa corrente. Poucos autores brasileiros têm se dedicado ao estudo crítico das propostas dos Estudos Culturais Latino-Americanos, defendidas como fundamentais para os estudos de recepção. E os autores internacionais que o fazem são pouco divulgados e lidos no país. A análise crítica dos Estudos Culturais poderia trazer questionamentos úteis para os pesquisadores que se vinculam a essa tradição, uma vez que os problemas dos Estudos Culturais se refletem diretamente nas pesquisas de recepção, dada sua importância no país. Na investigação brasileira sobre a recepção, predominam, assim como nos Estudos Culturais, a falta de clareza entre os conceitos empregados, a aplicação instrumental das proposições teórico-metodológicas e a defesa da interdisciplinaridade, por exemplo. Consideramos que seria útil, portanto, ao desenvolvimento dos estudos de recepção brasileiros, implementar mais pesquisas sobre as limitações epistemológicas, teóricas e metodológicas da proposta dos Estudos Culturais. Assim, as contradições inerentes a esses estudos poderiam ser explicitadas, a fim de uma compreensão mais aprofundada sobre as possibilidades de pesquisa que os Estudos Culturais trazem de fato.

Já Luiz Mauro Sá Martino, no texto *Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos*, nos fortalece o direcionamento das pesquisas em questão, fazendo-nos perseverar teórico-metodologicamente no caminho apresentado:

Nesse particular, como explica Stuart Hall, a cultura é sempre um espaço de deslocamento, de conflito. A leitura feita pelo receptor é sempre diferente da leitura pretendida pelo produtor, embora ambos estejam dentro da mesma cultura. O receptor é um ser social e histórico, e sua maneira de ver televisão ou ler uma revista

está ligada a seu desenvolvimento nesse sentido. Esse é o tipo de questionamento dos Estudos Culturais. Como uma adolescente negra, por exemplo, se vê diante dos padrões de beleza da mídia? Como ela convive com o fato de que nenhuma novela tem uma protagonista negra – e, quando tem, é estereotipado?

A recepção é o lugar onde a comunicação efetivamente acontece. A recepção das minorias, as políticas de gênero, especialmente o feminismo, o impacto do fim do mundo colonial nos anos 1960, o surgimento das culturas do Terceiro Mundo como protagonistas, a posição entre capitalismo e comunismo ou, mais recentemente, a aparente hegemonia do capital, todas essas questões estão em jogo na perspectiva dos Estudos Culturais.

A partir dessas considerações condensadas pelo rigor metodológico, ressaltam-se nossas convicções de que os estudos de recepção contribuirão de maneira profícua para o desenvolvimento de reflexões dentro do campo comunicacional e que as contribuições tidas dos *Cultural Studies* fortalecem o entendimento e a necessidade de estudar como se constituem os lugares de circulação de narrativas dentro dos processos de subjetivação, de problematizarmos as práticas culturais e seus processos formativos, inclusive do e no uso midiático, de alargar o sentido do texto, atribuindo-lhe som, imagem e produtos e ainda, tratando-o como um texto cultural do mundo contemporâneo capaz de ultrapassar muitas barreiras conceituais, pois acredita-se que os estudos culturais são capazes de estudar a produção, a recepção, a estruturação das relações sociais e as definições de mundo de do nosso eu.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais: lugar para dialogar e tensionar. **Dispositiva**. v. 1, n. 1, mai-out 2012a.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: COMPÓS, 2012. **Mediação & Mdiatização**. Jeder Janotti Junior, Maria Ângela Mattos, Nilda Jacks (Orgs.) Salvador: EDUFBA 2012b. 327 p.

_____. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**. XXV(58):62-77, janeiro-abril 2011.

_____. Interatividade e recepção. In: FAUSTO NETO, A. et al (Orgs.). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. p.109-136.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. (Org.). Pierre Bourdieu: escritos de educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Ed. UFRJ. 2001.

CANCLINI, Néstor García. “Gramsci com Bourdieu”. In: **Revista Nueva Sociedad**. Caracas-Venezuela, mar/abr. 1984, pp. 69-78.

COMPÓS, 2012. **Mediação & Mdiatização**. Jeder Janotti Junior, Maria Ângela Mattos, Nilda Jacks, (Orgs.) Salvador: EDUFBA 2012. 327 p.

COSTA, João Henrique. Os estudos culturais em debate: um convite às obras de Richard Hoggart, Raymond Williams & E. P. Thompson. **Acta Scientiarum**. Humanand Social Sciences. Maringá, v. 34, n. 2, p. 159-168, July-Dec., 2012.

DALMONTE, E. F. Estudos culturais em comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-americana. **Idade Mídia**, v. 1, n. 2, p. 67-90, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2010. [online]

_____, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hackers, 2005.

FAUSTO NETO, Antonio. **A circulação além das bordas**. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.) *Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosario, Argentina: Departamento de Ciencias de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 2-15. Disponível em: <<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>> Acesso em 05 ago 2013.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**. n. 5, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 1ª ed. atual. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1997, p. 15-46.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**; 14 (1): 44-68; jan./jun. 2002.

HOGGART, Richard. **As utilizações da Cultura**: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora, Lisboa: Editorial Presença, v. I e II, 1973.

_____. **The Uses of Literacy**. Aspects of working-class life, London: Chatto and Windus, 1957.

JACKS, Nilda. Tendências latino-americanas nos estudos de recepção. **Revista Famecos**. Porto Alegre. nº 5. Nov/1996. Texto apresentado no GT Comunicação e Recepção. XVII INTERCOM, Piracicaba, 1994.

MAIGRET, Éric. **Sociologia da comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. p. 163-251.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Dos meios às mediações**: cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, Luiz C.; BOAVENTURA, Katrine T. **Estudos Culturais Latino-Americanos**: convergências, divergências e críticas. Trabalho apresentado no NP Teorias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

McQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Tradução de Paolo Nosella. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massagana, 2010.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La investigación em comunicación desde La perspectiva cualitativa. Facultad de Periodismo y Comunicación Social**. Universidad Nacion al de La Plata. Instituto mexicano para El Desarrollo Comunitário, A.C. Guadalajara. Jalisco, México, 2000.

POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação**: o pensamento e a prática do jornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

PROULX, Serge; BÉLANGER, Danielle. La réception des messages. In: GINGRAS, A. M. (dir). **La communication politique**: état des savoirs, enjeux et perspectives. Québec: Presses de l'Université du Québec. 2003. p. 215-255

RONSINI, Veneza V. Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero** (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, Usos e Consumo Midiáticos”, do XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

SIGNATES. Luiz. **Da exogenia aos dispositivos**: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologias da Comunicação. In: XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora, 2012.

SOUSA. Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/123818664/thompson-e-p-a-formacao-da-classe-operaria-inglesa-i-pdf>> Acesso em 05 ago 2013.

WHITE, Robert. Recepção: a abordagem dos estudos culturais. **Comunicação & Educação**. São Paulo, [12]: 57 a 76, maio/ago. 1998.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade (1780-1950)**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.